**A IMPOSIÇÃO DO MEDO E O VIÉS DA MÍDIA DIANTE DA PROBLEMÁTICA DA VIOLÊNCIA CRESCENTE**

**Resumo**

**Este trabalho tem o presente objetivo de difundir como a cultura da violência é retratada nas mídias tradicionais, com base no discurso jornalístico feito perante a violência sofrida pelos profissionais da educação e suas consequências. Evidenciando um olhar sobre como a mídia retrata esse problema. A opressão que os docentes sofrem vem uma cultura de violência que está sendo aplicada desenfreadamente em nossa sociedade e que ganha um aspecto de naturalidade. Exemplifica também como a abundância de notícias com esse tema, demonstra como o problema está longe de ser resolvido, observando a dificuldade de encontrar uma solução. Sendo este mais um caso que é visto pelos olhos da mídia, transparecendo a realidade de mais uma situação com aspectos sem soluções.**

**Palavras-chave:** Mídia; Professor; Violência

**ABSTRACT**

This paper aims to disseminate how the culture of violence is portrayed in traditional media, based on journalistic discourse caused by violence suffered by education professionals and its consequences. Taking a look at how the media portrays this problem. The oppression that documents suffer comes from a culture of violence that is rampantly applied in our society and takes on an aspect of naturalness. It also exemplifies how plenty of news on this topic demonstrates how far the problem is unresolved by noting a difficulty finding a solution. Being another case that is seen through the eyes of the media, transparent the reality of another situation with aspects without solutions.

**Keywords**: Media; Teacher; Violence

1. INTRODUÇÃO

A violência está presente na sociedade de maneira intrínseca, consequentemente é um assunto que vem até as mídias e é exposto para o público, em diversos formatos disponibilizados. O profissional da educação, muitas vezes, torna-se um personagem de notícias sobre violência, essa que ocorre dentro do ambiente de trabalho e muitas vezes essa ação foi realizada por adolescentes.

Essa violência não é somente física, ela contém várias facetas e está presente no dia-a-dia, mascarada de comentários ou de intimidações em formas de brincadeira. Os eventos traumáticos deixam sequelas que são imperceptíveis até mesmo para a vítima, que se sente com constante sensação de medo e que pode evoluir para problemas mais sérios.

A veiculação das informações que contém o teor da violência e a facilidade de compartilhamento em mídias sociais, de casos que vão desde agressões verbais até agressões físicas sérias, faz com que o problema seja propagado. Porém, não há uma solução concreta para que consiga diminuir e até mesmo extinguir a ocorrência desses casos. Sendo um grande problema para a educação brasileira.

* 1. **Escola e Violência**

Os casos que envolve violência contra um docente ganham um teor de destaque, tanto no âmbito nacional quanto em âmbito internacional. Essa é a realidade de um país que está no topo do ranking de violência contra esse profissional, enquanto em outros países esses profissionais são tratados como os pilares da sociedade e do país. Diariamente vemos o quanto essa profissão está sendo desvalorizada, de modo que não há o apoio de representantes de Estado para que haja uma mudança.

Diante das transformações radicais tanto nos panoramas político e econômico como no cultural – âmbito dos valores, das ideias, dos costumes – a escola e os educadores aparecem isolados, imobilizados, atados e deslocados perante essa avassaladora onda de novos acontecimentos que tornam obsoletos os seus conteúdos e as suas práticas. (CAMACHO, 2004, p. 327)

A violência dentro das escolas é um retrato da sociedade em que estamos inseridos, onde o desrespeito e a utilização da força física tornaram-se a principal arma. Segundo Freud (1938) a ideia de que somente o homem conhece o seu próprio ego, é contrastado com as ações do exterior em que está situado, onde as sensações de sofrimento e de desprazer faz com que o ego se isole e crie uma tendência de lançá-lo para fora. Onde o afastamento e a fuga são salientados com as sensações de prazer e domínio. Dessa maneira, na pior das hipóteses, há a utilização de armas brancas e armas de fogo. A propensão de jovens que contém algum tipo de transtorno mental, ser um portador de armas e brigar é alta, pois, se configuram como jovens com comportamentos agressivos (Silva et al., 2009). Agressões são feitas por motivos considerados banais, acompanhadas de intimidações e ameaças, que envolvem sua vida e seu trabalho.

A escola é vista como um local seguro, já que é um lugar onde é formado o intelecto de seus frequentadores, como também é vista como a responsável pela construção de caráter do indivíduo. Para Gallo e Williams (2005), os adolescentes que são expostos a um aspecto muito favorável da ocorrência de fatores de risco e foram socialmente adaptados, por meio de fatores de proteção que podem ser encontrados dentro da escola.

A situação se agrava de acordo com a reprodução de comportamentos antiéticos, com a finalidade de demonstrar a superioridade que os alunos tendem a presumir que existe a favor deles. Coloca-se o professor como vilão, um indivíduo que tem a sua presença contestada e duvidosa e que só está naquele ambiente para ser julgado e repassar notas para um sistema.

A implementação de uma política de valorização da educação e do magistério é urgente e deve voltar-se para a formação dos professores, a partir de soluções para os problemas estruturais da educação, como é o caso de melhores condições de trabalho e salários dignos. (RISTUM, 2010. p. 67)

O desafio que o docente encontra em sua profissão é a maneira de lidar com várias pessoas diferentes, que vivem uma realidade totalmente distintas uma das outras. A modernidade trouxe consigo um conjunto de novas necessidades e demandas sociais, onde foi gerada novas necessidades e o surgimento da busca pelo sucesso e pela individualidade. Assim, a renovação dos valores que orientavam as ações dos indivíduos. (PINHEIRO; LUZ, 2003). A interferência externa na vida de um aluno, influencia todo o aspecto de convivência dele, em que transforma o comportamento e maneira de lidar com autoridades. Sendo então um reflexo de atitudes já feitas por um longo tempo, como consequências de uma sociedade que reproduz o caráter falho de sua maioria. Para Silva (2013) a produção da cultura de violência, em uma sociedade, onde há uma hierarquia muito dominante de classes, torna-se evidente que a responsabilidade desses fatos é daqueles que ocupam um cargo de dominado.

Na vítima de violência, as consequências são percebidas em atitudes passivas, com transtornos emocionais, problemas psicossomáticos, depressão, ansiedade, pensamentos suicidas. Somando-se a tudo isso, a perda de interesse pelas questões relativas ao ensino-aprendizagem, a qual pode desencadear uma situação de fracasso escolar, assim como o aparecimento de transtorno de medo insistente e exagerado da agressão sofrida, sabendo que a situação será de difícil resolução. (OLIVEIRA, 2014. p. 18)

As marcas deixadas pela violência na vida de um docente são carregadas ao longo de sua carreira. De acordo com um levantamento feito pelo portal de notícias GloboNews, o número de agressões a professores no estado de São Paulo, teve um aumento de 73% no ano de 2018, que totalizam 434 ocorrências de agressão. O estudo foi feito com estatísticas captadas apenas em escolas da rede estadual de ensino, de todo o estado, onde pode-se perceber que a taxa é exacerbada.

Segundo uma pesquisa feita pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em 2013, cerca de 12,5% dos professores entrevistados foram vítimas de agressões, tanto verbais quanto físicas. E em outra pesquisa feita em 2017, pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp), só na rede estadual de ensino, 51% dos professores sofreram algum tipo de violência.

Um caso que ganhou repercussão no ano de 2019, foi a agressão que um professor de história e geografia da cidade de Lins, interior do estado de São Paulo, sofreu durante a aplicação de um teste. O professor Paulo Rafael Procópio foi agredido por um aluno de 12 anos, que estudava em outra turma, entrou na classe onde estava sendo aplicada a prova e sem permissão interrompeu a aula para chamar por uma prima. Ao pedir para que o aluno não interrompesse a classe, ele agrediu o professor com seu caderno e logo após arremessar o objeto, proferiu socos no rosto do educador de 62 anos.

Em entrevista ao portal UOL, Paulo conta em um trecho: *"Fiquei muito triste. Eu não queria parar meu trabalho do jeito que aconteceu. Queria ter parado normal. Foi o último dia da minha vida profissional, nunca mais voltei para uma sala de aula."*

A retratação dessa violência nas mídias demonstra como esse fator está se expandindo de maneira exorbitante, com casos considerados extremos e cada vez mais sem fundamentos. Os casos de violência contra o professor são os mais noticiados, gerando uma insatisfação no receptor ao passar essa mensagem, que é carregada de tensões.

Segundo Henn (2004) a mídia tem o poder de trabalhar com os signos e dar a ênfase necessária, de um fato, de acordo com a estratégia de articulação do seu poder organizacional. De maneira que, a violência que é retratada não só pela força bruta, mas também pela intensidade de signos presentes, pode ser transmutada e atualizada por enquadramentos superdimensionados. Coloca-se em evidência, principalmente, todo o espetáculo feito acerca do principal sentimento que notícias de violência passam: o medo.

Todo esse cenário criado ao transmitir uma mensagem, mesmo sendo sobre violência, demonstra que há capacidade de estar mantendo um significado por meio desses casos noticiados. Contrasta, principalmente, com uma necessidade de fazer o receptor consumir esse tipo de mensagem, com a finalidade de emitir um alerta de perigo ou até mesmo de manifestar sentimentos, como raiva e compaixão, para que não perca o público.

A cultura da violência é promovida pela mídia como uma resposta ao cotidiano social que busca combater a rotina, proteger-se e livrar-se do perigo, em uma negação que equivaleria a uma pessoa dizer "ainda bem que não aconteceu comigo". Não importa mais a informação, mas o quanto o elemento violência é capaz de ser mantido a fim de expiar a angústia dos indivíduos. (CARVALHO; FREIRE; VILAR. 2012)

Usualmente os conteúdos que são veiculados são encontrados em vídeos postados em mídias sociais ou em plataformas na internet, com fácil acesso e difícil identificação do usuário que fez o upload do conteúdo. A averiguação correta sobre todas as informações, torna-se essencial para que a propagação dessas informações não sofra alguma interferência.

Para Porto (2009) a mídia pauta uma matéria que ao mesmo tempo em que está sendo apresentado e representado um caso, silencia outros fatos importantes nessa veiculação de informações. Esses detalhes escondidos são determinantes para que a massa saiba compreender como irá construir a sua crítica com base no que foi absorvido, sendo um papel da mídia dispor essas informações da maneira mais imparcial possível.

De acordo com a amplitude da repercussão dentro de várias mídias, percebe-se que os elementos superficiais são como uma fonte primária para a sociedade. E com o interesse gerado sobre o assunto, ocasiona a busca por informações mais concretas e relevantes o suficiente para o entendimento abrangente, com a finalidade de compreender como a problemática é retratada e como pode ser solucionada.

As condições de produção das mensagens jornalísticas, as representações midiáticas a respeito da violência e a importância de uma cobertura abrangente sobre a temática violência são estudadas sob a ótica de um jornalismo voltado para os problemas sociais e a própria atuação do jornalista, ciente de sua função de mediador. (RODRIGUES, 2010. p. 13)

Toda essa produção de mensagens coloca em evidência a autoridade que a mídia, principalmente o jornalismo, contém perante a sociedade. O discurso gerado pelas notícias, torna-se uma maneira de comprovar a percepção de um poder, obtido por meio de um suposto controle sobre a massa. A definição da realidade, dentro de nossa sociedade, está contida na enunciação do discurso feito na mídia, de modo mais explícito no discurso jornalístico, que tem características que fazem dele uma das maiores fontes de definição do conceito de realidade, exemplifica Brittos e Gastaldo (2006).

O poder que a mídia contém torna-se insuficiente para auxiliar na elucidação de uma solução para esse problema. Sabe-se que é mais noticioso falar sobre o problema, gerando mais manchetes que parecem cópias de dias ou semanas atrás. Numa breve pesquisa feita em um mecanismo de busca na web, temos um panorama de que pelo menos há uma notícia por dia sobre algum tipo de violência feita contra um docente, em âmbito nacional.

**REFERÊNCIAS**

**A cada dia, ao menos 2 professores são agredidos em escolas estaduais em SP**. UOL, 2019. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/08/22/a-cada-dia-ao-menos-2-professores-sao-agredidos-em-escolas-estaduais-em-sp.htm>. Acesso em: 03 de outubro de 2019.

ARCOVERDE, Léo. **Casos de agressões a professores da rede estadual têm alta de 73% em SP.** GloboNews, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/03/25/casos-de-agressoes-a-professores-da-rede-estadual-tem-alta-de-73percent-em-sp-aponta-secretaria-da-educacao.ghtml>. Acesso em: 12 de junho de 2019.

BRITTOS, Valério C.; GASTALDO, Édison. **Mídia, poder e controle social**. Revista de Comunicação, Cultura e Política ALCEU, v. 7, n. 13, p. 121-133, 2006.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. **A invisibilidade da juventude na vida escolar**. Perspectiva, v. 22, n. 2, p. 325-343, 2004.

CARVALHO, Denise W.; FREIRE, Maria Teresa; VILAR, Guilherme. **Mídia e violência: um olhar sobre o Brasil.** Revista Panamericana de Salud Pública, v. 31, p. 435-438, 2012.

DA SILVA, Marilda. **A violência da escola na voz de futuros professores: uma probabilidade da produção da cultura da violência em ambientes escolares?.** Educar em revista, v. 29, n. 49, p. 339-353, 2013.

GALLO, Alex Eduardo; DE ALBUQUERQUE WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti. **A escola como fator de proteção à conduta infracional de adolescentes.** Cadernos de pesquisa, v. 38, n. 133, p. 41-59, 2008.

HENN, Ronaldo César. **A dimensão semiótica da violência.** Intercom, 2004.

OLIVEIRA, Adalberto Henrique da Cunha. **Agressões e violências contra professores nas escolas públicas.** 2016.

PINHEIRO, Roseni; LUZ, Madel Therezinha**. Práticas eficazes x modelos ideais: ação e pensamento na construção da integralidade.** Construção da integralidade: cotidiano, saberes e práticas em saúde. Rio de Janeiro: UERJ/IMS: ABRASCO, p. 7-34, 2003.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Mídia, segurança pública e representações sociais.** Tempo social, v. 21, n. 2, p. 211-233, 2009.

RISTUM, Marilena. **Violência na escola, da escola e contra a escola.** Impactos da violência na escola: um diálogo com professores, p. 65-93, 2010.

RODRIGUES, Felipe**. Livro-reportagem = uma abordagem sobre a cobertura da violência no Brasil.** 2010. 97 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/271015>. Acesso em: 04 de outubro de 2019.

SILVA, Ricardo Azevedo da et al. **Prevalência e fatores associados a porte de arma e envolvimento em agressão física entre adolescentes de 15 a 18 anos: estudo de base populacional.** Cadernos de Saúde Pública, v. 25, p. 2737-2745, 2009.